

FALAR SOBRE A NUDEZ: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE FRANCISCO DE ASSIS (1182-1226) EM HAGIOGRAFIA E IMAGEM

Talking about Nudity: An approach based on the experience of Francis Of Assisi (1182-1226) in Hagiography And Imagery

Angelita Marques Visalli

Doutora em História

Professora no Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Docente da Graduação e Pós-Graduação

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7406-5980>

E-mail: visalli@uel.br

Recebido em: 29/11/2023

Aprovado em: 01/03/2024

Resumo: Apresentar discussão sobre a nudez pode ser inquietante para muitos educadores. Os códigos do pudor que cada cultura carrega podem ser obstáculos difíceis de serem transpostos, mas essas barreiras precisam ser vistas e refletidas. A nudez é cultural e historicamente considerada e apresentada e, portanto, os textos e imagens, do passado e presente nos impedem a desconsideração. Aqui apresentamos, a partir de referência medieval, uma proposta para abordagem a partir de documentação textual e imagética sobre uma questão específica: a nudez de Francisco de Assis segundo as hagiografias e imagens da época. A exposição indica a variedade de sentidos da desnudação (cultura/não-cultura; modelo/contra-modelo; civilizado/selvagem), dos modos de expressão variados de uma mesma situação (nas diferentes hagiografias e imagens), assim como reafirma a necessidade das discussões para enriquecer os argumentos frente ao gesto atemporal da desnudação.

Palavras-chave: Francisco de Assis, nudez, imagem com nudez.

Summary: Discussing nudity can be unsettling for many educators. The modesty codes embedded within each culture can present challenging obstacles to overcome, but these barriers need to be acknowledged and contemplated. Nudity is culturally and historically contextualized and presented; therefore, texts and images from the past and present prevent us from disregarding it. Here, we propose, based on medieval references, an approach using textual and visual documentation concerning a specific issue: the nudity of Francis of Assisi according to the hagiographies and images of the time. The exposition demonstrates the variety of meanings behind nudity (culture/non-culture; model/anti-model; civilized/wild) and the diverse modes of expression within the same situation (across different hagiographies and images). It also reaffirms the necessity of discussions to enrich arguments regarding the timeless gesture of nudity.

Keyword: Francisco de Assis, nudity, image with nudity.

Abordar a questão da nudez se apresenta quase sempre bastante complexa na medida das questões que envolvem os pudores de cada cultura. Isso, no entanto, não deve nos impedir como educadores e, ainda mais, a partir da reflexão histórica. Os corpos nus são bastante comuns em imagens do passado que consideramos objetos de arte e nas expressões contemporâneas, portanto, a reflexão sobre seu sentido em expressões do passado pode contribuir grandemente para a ampliação da discussão. Assinalemos que a importância do corpo em imagem, performances e experiências artísticas contemporâneas se apresenta muitas vezes como contraposição às expressões idealizadas na cultura ocidental, as quais precisamos compreender historicamente. Nossa percepção sobre o corpo e os modos de sua exposição e figuração são cultural e historicamente constituídos e, portanto, também precisa ser abordada e refletida. Certamente a adequação do tema às idades de crianças e adolescentes merece cuidado diante dos códigos que socialmente marcam suas comunidades e da condição de entendimento das diferentes percepções culturais e históricas.

O que compreendemos como nudez? Em sentido estrito, compreende-se como ausência de vestes definição recorrente nos dicionários. Quanto às nuances da nudez, estas podem ser tantas quantas permitem a criatividade. Podemos falar de um braço nu, de um corpo nu, pois a nudez pode ser percebida na exposição inteira do corpo ou de parte dele. E seu sentido metafórico pode ser extremamente abrangente. A nudez pode ser completa, ou parcial, em sentido estrito ou metafórico, voluntária ou involuntária. Diferentes culturas possuem entendimento distinto do que pode ser considerado obsceno, aceitável e recomendável quanto à exposição do corpo. Assim, em várias comunidades de povos originários, a exposição das mamas ou das genitálias pode ser natural, mas esses mesmos corpos são envolvidos em adornos, pinturas e marcações que implicam numa não-nudez. Em algumas nações islâmicas a exposição dos cabelos de uma mulher pode ser entendida como uma afronta aos costumes. Nas culturas ocidentais, cobrir pequenas partes do corpo com biquinis ou sungas é normal nos balneários e não se caracteriza como nudez, mas essa mesma exposição seria uma afronta em outros lugares públicos nesse mesmo ambiente cultural.

Está claro que nascemos nus. Mas a roupa tem sido, há milênios, uma intermediação com o mundo e este fato cria uma espécie de segunda natureza. Nossa

roupa, nossas vestes apresentam nossa referência social, cultural e, mesmo, nosso estado de espírito. Isso implica também a consideração de acessórios (adornos, adereços) ou interferências no corpo como tatuagens e marcações.

Para o período medieval, do mesmo modo, as vestimentas foram fundamentais na vida dos homens e mulheres, não somente para proteger seus corpos do ambiente, não somente para lhes dar conforto, mas, como em quaisquer outros tempos, para identificar os lugares sociais, para demarcar funções e atribuir valores.

Na medida em que a vestimenta exprime o ser social do indivíduo, seu lugar e sua participação na civilização, o ato brutal de colocar à nu traduz uma rejeição ou renúncia a esse ser social, então um retorno ou uma passagem para a não-civilizado, ou até mesmo para o não-humano, o bestial. (BOQUET, 2008: 10)

Nessa perspectiva, a nudez voluntária e consciente pode, assim, implicar, na recusa de parte ou do todo desses valores, lugares e funções. Pode indicar uma retomada, uma condição primeira e original do ser humano ou um rompimento abrupto com uma condição vigente. Prestamos especial atenção, aqui, à nudez pública, manifesta e voluntária de Francisco de Assis.

Como bem lembrou Le Goff e Truong (2003: 164-165), ao contrário do que muitos imaginam, os medievais não necessariamente tinham ódio da nudez. Ele nos recorda de uma relação bastante ambígua que vacila entre a suspeita e a valorização, reflexo da ambiguidade relativa ao próprio corpo – por um lado, criação divina, por outro, contraponto à alma, esta sim, considerada eterna.

Mas tomemos, primeiramente, as duas grandes referências para a percepção sobre o corpo e sua exposição na cultura ocidental: os referenciais greco-romano e judaico-cristão.

A noção de corpo greco-romana fundada no princípio do treinamento e aprimoramento do corpo para a *pólis* levou ao desenvolvimento de formas idealizadas.

As figuras humanas do Parnon são jovens; o corpo belo e nu não é dádiva da natureza, ao contrário, é uma conquista da civilização. Compreende-se dessa maneira, que o nu artístico é relacionado a características morais, tornando-se modelo de virtude e qualidades subjetivas que marcam a arte europeia ocidental. [...] As estátuas gregas representam o ideal mais elevado, uma vez que elas são o sonho tangível do poder de uma cultura capaz de extrair o ideal

abstrato da humanidade. O nu não representa um corpo, mas uma ideia: a ideia de homem.” (MATESCO, 2009: 15)

A nudez das imagens greco-romanas, especialmente míticas, foi explorada nos séculos posteriores, configurando, inclusive, um nicho artístico em que os nus eram possíveis e valorizados em contextos bastante pudicos. A partir da atualização dessa referência antiga se delineia, inclusive, uma categoria artística específica, o nu.

Todavia, foi a partir do modo como o cristianismo interpretou a tradição veterotestamentária em relação à imagem de Deus que se desenvolveu uma concepção de corpo representável, figurável, que se disseminou na Europa no Medievo, e que se difundiu no processo de expansão marítima e colonização. A superação da proibição de representação de Deus em imagem se deveu especialmente à ênfase na sua encarnação, o que tem sido refletido por estudiosos de várias áreas do conhecimento, a exemplo das Artes e História.¹ Afinal, a consideração da materialização de Deus liberou sua figuração e possibilitou um certo destravamento das formas humanas em representação. Mas esse processo se deu ao longo de muito tempo. A partir da figuração de Deus e dos santos, homens e mulheres se mostraram também em imagens, mas porque inseridos em narrativas visuais e/ou fundadas na memória. Somente no fim do medievo e no chamado Renascimento, essa evocação mimética é substituída por uma experiência, uma referência sensível, portanto imitadora da vida, o que implica numa representação do corpo mais próxima do que se reconhece como real, ainda que com formas idealizadas, como nas obras de Michelangelo no século XVI.

A nudez para o geral do Medievo, portanto, quando se apresenta em imagem está vinculada à narrativa e, especialmente cristã. Se a maior parte das imagens que sobreviveram ao tempo se voltam para os temas e narrativas cristãs, aquelas que comportam nudez aí estão inseridas e, entre as passagens bíblicas, o mito da criação da humanidade é, certamente, o mais figurado. A marca teológica vincula a nudez do primeiro casal ao pecado, ainda que tenhamos que considerar que a consciência da nudez, e não ela própria, fez com que buscassem se cobrir com folhas, o que levou à descoberta da desobediência a Deus e à expulsão do Jardim do Eden, onde antes viviam nus. (Genesis, 3:7-21) A importância da narrativa da fundação da humanidade e das dicotomias que se abrem no mundo fizeram com que imagens de Adão e Eva sem

vestimentas fossem pintadas ou esculpidas comumente nas igrejas, mas outros temas com imagens de nudez são raros.²



Lorenzo Maitani, Criação de Eva e Pecado Original. Alto-relevo da fachada de Catedral de Orvieto. c. 1309. Detalhe.

https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Lorenzo_Maitani#/media/File:Orvieto060.jpg

De todo modo, cabe considerar as distâncias entre os comportamentos cotidianos e as referências visuais e textuais no passado. Tenhamos em conta que as imagens e textos não necessariamente refletem práticas e que a quase ausência da nudez na imagem de um período não resulta de uma rejeição marcada. Assim, apesar de uma cultura medieval especialmente fundada nos valores e referências bíblicas, as práticas cotidianas indicam liberalidade quanto à exposição dos corpos. Bologne (1990), no seu estudo sobre a História do Pudor, aponta para o que muitos identificariam hoje como ambientes promíscuos: quartos e camas coletivos, banhos públicos (herdados da

Antiguidade), enfim, situações que implicam em proximidade e convivência com a desnudação e exposição do corpo.³

Certamente a obviedade de que grande parte do que foi escrito no medievo sobre o corpo e a nudez o foi por homens religiosos - com sua percepção de contenção dos desejos do corpo como passo importante no processo de retorno a Deus -, precisa ser considerada. De todo modo, a literatura medieval faz eco a uma relação com a nudez que está longe das censuras do período moderno.⁴ Mesmo as narrativas sobre santos permitem perceber um tratamento ao corpo que foge ao padrão exclusivo da disciplina ascética.

Nesse texto buscamos evidenciar uma situação de nudez pública retratada em imagens do século XIII e bastante conhecida, mesmo por um público sem intimidade com histórias de santos. Referimo-nos à cena de desnudamento de Francisco de Assis frente ao seu pai e ao bispo, imagem reproduzida na iconografia, registrada primeiramente nas hagiografias.

Primeiramente, vale considerar a importância das hagiografias para o conhecimento do passado, nesse caso, medieval. Esse gênero literário se desenvolveu grandemente no medievo, no quadro de devoção aos santos. São textos que narram a trajetória de homens e mulheres que se identificam com o que se considera santidade em seus períodos (de vida ou da narrativa). As narrativas dizem respeito ao fundamento excepcional dos personagens, evidenciando o caráter milagroso, maravilhoso. A leitura de diferentes hagiografias permite, portanto, perceber os distintos valores que constituem a concepção de santidade em períodos variados. E, além disso, possibilita o contato com conteúdos que dizem respeito a questões do cotidiano, gestos corriqueiros captados para dar sentido à narrativa; situações que demandam a interferência dos santos que não seriam descritas em outros textos (doenças, queixas cotidianas). O exame desses escritos cristãos permite demonstrar aos alunos as mudanças de valores e de ideais de perfeição ao longo do tempo. E mesmo a partir de uma trajetória de um ser excepcional, segundo a hagiografia, um santo, é possível reconhecer o que, em seu tempo, pode-se assinalar como corriqueiro ou não.

No material hagiográfico franciscano, são recorrentes as referências a situações em que Francisco de Assis ou seus primeiros seguidores se desnudavam. No quadro

abaixo, apresentamos as referências dadas nas hagiografias a partir de três motivos: quanto ao momento de publicização de sua conversão, quanto ao momento da morte e em diversos momentos relativos à prática de penitência.

Situações de Nudez de Francisco de Assis

Quando se torna, oficialmente, um penitente	
No tribunal do Bispo, Francisco se despe e entrega suas vestes ao pai.	1Cel 15; 2Cel 12; LM II,4; Lm I,7; 3Comp. 20
Francisco e seguidores despídos por outros	
Francisco e seus seguidores são despídos (ofendidos, açoitados); despem-se no gelo para combater as tentações da carne.	1Cel 40
Penitência para si	
Atacado pela luxúria, despido na neve, Francisco faz bonecos de neve para representar sua família;	2Cel, 117; LM V,4
Francisco obriga frei a levá-lo nu (com calções), com corda pelo pescoço, em público, para penitenciar-se por comer carne;	LM, VI,2; LP, 39; Esp. Per. 61
Francisco manda Rufino pregar nu e arrependido, também assim o faz.	Fior, 30

Penitência para outros	
Francisco penaliza frade, fazendo-o andar nu no frio, por ter ido ao mosteiro feminino;	2Cel, 206 –
Francisco manda frade tirar a túnica e pedir perdão a um pobre sobre o qual falara mal.	LP, 89; Esp. Perf., 37

Francisco manda um frei pregar nu e, arrependido, também assim o faz.	Fior, 30
No momento da morte:	
Francisco pediu para ser colocado nu no chão, próximo da morte. Frade pegou suas vestes e as emprestou para que Francisco pudesse usá-las sem romper voto de pobreza.	2Cel, 214; LM 14,3; Lm 7,3
Francisco pediu que fosse colocado nu no chão quando morresse, assim como havia feito.	2Cel, 217

As situações encontradas na documentação dizem respeito, portanto, à prática penitencial, ao momento da morte e a situações de violência infringida por outros.

Uma das cenas mais conhecidas da biografia de Francisco de Assis é aquela em que teria se desnudado frente a seu pai, ao bispo e população de Assis. Essa é a primeira identificada no quadro acima. Francisco, tendo aproximadamente 23 anos de idade, havia partido de sua cidade em direção a Foligno para vender alguns tecidos, negócio da família. Tendo já em mente o desejo de abandonar seu modo de vida para dedicar-se à religião, ao retornar, doou todo o dinheiro da transação comercial ao padre da igreja de São Damião. O padre, precavido, recusou-se a aceitar a doação, o que facilitou a devolução posterior. Desse momento em diante, Francisco não mais habitou com sua família, passando a residir junto à igreja. Seu pai ficou bastante contrariado e, por fim, apresentou a queixa ao bispo, o qual aconselhou Francisco a devolver o dinheiro da venda dos tecidos. A narrativa da *Legenda dos Três Companheiros* sobre o momento de encontro de Francisco com o pai é bastante detalhada:

"'Senhor, quero devolver-lhe não somente o dinheiro que lhe pertence, mas também as roupas'. Entrando num quarto, tira todas as vestes e, colocando o dinheiro sobre elas, aparece nu, diante do bispo, do pai, e de todos os presentes, e diz: 'Ouçam todos e entendem: até agora chamei de pai a Pedro Bernardone, mas como me propus a servir a Deus, devolvo-lhe o dinheiro, que tanto o vem irritando, bem como todas as roupas, que dele recebi, pois de agora em diante quero dizer: Pai nosso que estais nos céus, e não pai

Pedro Bernardone. E nesse momento se vê que por baixo das vestes coloridas o homem de Deus trazia um cilício com que castigava sua carne."⁵

A descrição aponta para um lugar comum da vida dos santos, principalmente daqueles que aderem à vida religiosa em idade adulta: a vida no mundo como leigo com seus prazeres e riscos esconde uma decisão interior de elevação espiritual, assim as vestes coloridas escondem um instrumento de auto-mortificação, um cilício.

Após o desnudamento, o santo adota um outro tipo de vestimenta: um hábito de eremita, um cajado na mão, calçado e um cinturão (3 Comp. 25). Ou seja, o dramático desnudamento implica no rompimento com a vida anterior. A forma de vida adotada é penitencial: sem ingressar nos quadros tradicionais da igreja, como penitente vive em castidade, afastado da família ou convívio social característicos de um laico, dedicado a reconstrução de igrejas etc.⁶

Como foi bem apontado por Boaventura, (teólogo, ministro geral da Ordem dos Frades Menores e também hagiógrafo de Francisco de Assis)⁷, Francisco ingressou na vida religiosa (quando se despe em frente ao pai) e se despediu do mundo (LM, 14,4) O gesto se identifica, segundo o hagiógrafo, com a imagem do próprio Cristo, com seu sofrimento. É a construção da figura de Francisco como um *alter Christus* (outro Cristo). Neste sentido, para Boaventura, o ato de desnudamento é um manifesto da identidade franciscana, baseado neste princípio da recusa da propriedade, mas também no requisito da obediência à Igreja representada na figura do bispo que, inclusive, o envolve com o seu manto, gesto reconhecido também em figurações.

Os últimos momentos de vida de Francisco de Assis não foram objeto de atenção de seu primeiro biógrafo, Tomas de Celano, quando da Vida Prima, hagiografia realizada no contexto do processo de canonização em 1228. As circunstâncias que envolvem sua morte são apresentadas de modo sintético. A partir da Segunda Vida, segunda hagiografia, escrita quase em meados do século XIII, construída no contexto de emergência de outras memórias da trajetória do *poverello*, num palco de disputa sobre a apropriação da tradição franciscana, as circunstâncias que envolvem sua morte se tornaram objeto de atenção. Nessa segunda hagiografia de Celano, Francisco teria, então, pedido para ser colocado nu no chão. Um frade não identificado, que teria entendido o significado do gesto, tomou suas próprias vestes e as emprestou a Francisco

para que pudesse usá-las sem romper votos de nada possuir. Essa cena corresponderia à última benção dos frades. (2Cel, 162). Sua morte, contudo, não teria ocorrido em seguida. Somente dois dias depois, Francisco teria pedido aos frades que, ao morrer, fosse colocado despido no chão, como teria se encontrado “anteontem”. (2Cel, 217)

Interessante é perceber como Boaventura funde os dois momentos apresentados por Celano: a morte e a lembrança da solicitação anterior de Francisco de ser colocado nu ao chão. Não seriam duas situações, mas uma só. (LM 14,3).⁸

As referências imagéticas da morte de Francisco não o apresentam desse modo. A nudez que precede a morte não se apresentou em expressão figurativa, como no caso do ciclo apresentado na Basílica de Assis, trabalho conduzido por Giotto de Bondone em fim do século XIII. Esses afrescos se tornaram referência para imagens constituídas no período e, certamente, tanto o que foi reproduzido, como o que foi esquecido, marcou as obras seguintes.

Lidamos, então, com uma eleição por parte dos hagiógrafos por evidenciar mais algumas passagens que outras, em valorizar o sentido da nudez de algumas em detrimento de outras. E quanto às imagens, essas tomam um caminho ainda outro: alguns gestos foram marcados nas primeiras narrativas visuais e se tornaram referência para as seguintes. A reinvenção, a retomada dos textos para a produção de imagens distintas da tradição que se constitui, enfim, as novidades acabam se tornando restritas a observadores específicos.

Sabemos que a linguagem visual, mesmo inspirada, apoiada na construção literária se constitui de modo próprio. Damien Boquet (2008), em estudo específico sobre as representações de nudez de Francisco no século XIII, apresenta uma dupla perspectiva: uma primeira relacionada à questão franciscana, no quadro de que as referências hagiográficas, sejam escritas ou figuradas, na complexidade de sua elaboração, são fontes de proposição para constituir a identidade religiosa do movimento franciscano (concernindo à pobreza evangélica, uma questão central da sua espiritualidade). Outra perspectiva constitui-se a partir de um ângulo antropológico, das questões culturais e sociais da desnudação, da grande carga simbólica cristã. Assim, na sua análise, o sentido de despojamento está na correspondência ao Cristo, conforme

articula o hagiógrafo Boaventura. Este seria o sentido preponderante do caso de tirar as roupas.

Retomando os modos de construção imagética, entre os oito retábulos produzidos no século XIII na região central da Península itálica e sobreviventes ao tempo, (lembrando que esse suporte é bastante característico da divulgação das narrativas sobre Francisco de Assis), apenas as pinturas de Bardi e da de um discípulo de Guido da Siena representam a cena do desnudamento do santo frente ao bispo de Assis. Os primeiros retábulos valorizam mais especialmente os milagres *post-mortem*.⁹ Além desses retábulos, a desnudação completa se apresenta no afresco de Gubbio.



Anônimo, retábulo historiado de Francisco de Assis. Capela Bardi, Igreja de Santa Cruz.
Florença, c.1245.

<https://www.santacroceopera.it/en/catalogue-of-works/bardi-panel-coppo-di-marcovado/>



Anônimo, afresco com imagem de Francisco de Assis. Igreja de São Francisco de Assis, Gubbio, c.1280.

A divergência entre as pinturas, segundo Boquet, se apresenta a partir das diferentes proposições narrativas das imagens que tem por prioridade enfatizar o gesto de entrega das vestes aos pés do pai. Os outros artistas apresentam um Francisco estático, as mãos juntas, coladas ao corpo, ou dirigidas ao céu, em sinal de submissão a Deus. No caso de Bardi, adotando a primeira intenção, o pintor não o fez completamente nu, então, o apresentou com calções, diferenciando-se no texto que o fundamenta, o de Tomás de Celano. Parece não haver problema em indicar que Francisco se despiu completamente, mas o pudor implica em sugerir e não expor diretamente, não importando a correspondência com o texto.

Nas imagens da Basílica Superior de Assis, construção finalizada em meados do século XIII, a desnudação tem lugar importante: o ciclo narrativo atribuído a Giotto se abre com um homem que põe um manto ao chão para Francisco passar; depois Francisco tira seu manto para doar ao nobre; por fim, o *poverello* entrega todas as vestes

ao pai. A identificação com a perspectiva de Boaventura se apresenta, ainda no gesto do bispo que vira o rosto para não ver o corpo nu de Francisco.¹⁰

Como concluiu Damien Boquet (2008: 14), na cultura medieval, o gesto público de desnudação expressa uma interrupção momentânea dos valores, quando pode ser percebida a ambivalência: ele pode estigmatizar infâmia ou a vergonha do assunto (desnudação como humilhação, em função da concupiscência ou modéstia desprezada); ou até mesmo revelar o heroísmo daqueles que violam as regras da sociedade para criar valores baseados em uma verdade, sem artifícios. Francisco situa-se no segundo caso, ainda que o aspecto penitencial tenha importância tão registrada. Ainda, segundo Boquet, o que torna o desnudamento de Francisco frente ao bispo de Assis particularmente notável e exemplar é sua capacidade de concentrar essa riqueza simbólica e essa polissemia. Isso porque é o ponto de sua conversão, de sua experiência individual; por outro lado, um manifesto que convida a outros para essa nova ordem. O caráter público e voluntário dessa nudez ditam assim.

Aqui finalizamos e apontamos para a análise de Bartholomeis, Dittmar e Jolivet, quando refletem sobre a dupla norma-transgressão traduzida na oposição modelo e contra-modelo. (BARTHOLEYNS, DITTMAR; JOLIVET, 2008: 65) Os gestos estranhos, no caso das narrativas escritas e imagéticas de Francisco também o são. Normalmente associada a um sinal de selvageria (a não-cultura), a nudez aqui se torna transgressão positiva, pois o mesmo gesto toma valor de estágio espiritual superior, nesse caso, o início de uma experiência excepcional, o herói, o santo.

Referências

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo/Brasília: HUCITEC/Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARTHE-DELOIZY, F. **Geographie de la nudité**. Paris: Bréal, 2003.

BARTHOLEYNS, G; DITTMAR, P.-O; JOLIVET, V. **Image et transgression au moyen âge**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

BERTRAND, R. La nudité entre culture, religion et société. **Rives Nord-Méditerranéennes** [En ligne], 30, 2008, p. 1-15. URL : <http://journals.openedition.org/rives/2283>.

- BOLOGNE, J.-C. **História do pudor**. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Teorema, 1990.
- BOQUET, D. Écrire et représenter la dénudation de François d'Assise au XIIIe siècle. **Rives Nord-Méditerranéennes** [En ligne], 30, 2008, p. 1-20. URL : <https://journals.openedition.org/rivesnm/2333>
- CAMILLE, M. **Images dans les marges – aux limites de'art médiéval**. Paris: Gallimard, 1992.
- DUBY, Georges (org). **História da Vida Privada, da Europa Feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GINZBURG, C. **Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HEERS, Jacques. **Festas de Loucos e Carnavais**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Une histoire du corps au Moyen Âge**. Paris: Editions Liana Levi, 2006.
- MATESCO, Viviane. **Corpo, Imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2009.
- SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens – ensaios sobre a cultura visual na Idade Média**. Bauru: Edusc, 2007.
- VISALLI, A. M. O retábulo no seu lugar: uma reflexão sobre a constituição de uma novidade franciscana no século XIII. **Antíteses** 12 (24), 2019, p. 175–203.

Notas

¹ O cristianismo, diferentemente do judaísmo e do islamismo, permitiu a proliferação das imagens de Deus e muito mais. A partir dessa liberação se desenvolve uma cultura de imagens. Sobre essa discussão ver: Ginzburg (2001) e Schmitt (2007).

² É importante considerar as imagens marginais. Consideremos gárgulas, imagens feitas às margens dos manuscritos, por exemplo, que trazem imagens de nudez e mesmo chulas. Ver: Camille (1992).

³ Os estudos sobre a vida privada apontam para essa configuração. Ver: Duby (1990).

⁴ Além das referências em notas anteriores, cabe lembrar das discussões em torno das festividades públicas medievais e a concepção de corpo reinante, como nas Festas de Tolos e Carnavais. As discussões mais conhecidas e clássicas em português: Bakhtin (1993) e Heers (1987).

⁵ 1Cel,15. Cf. 2Cel,12; LM,II,4; 3Comp,19; AP,9.

⁶ Quanto aos momentos relativos à nudez no contexto das práticas penitenciais, as referências são várias. Não somente as hagiografias de Francisco de Assis apresentam diversas situações de desnudamento, mas podemos dizer que os franciscanos foram costumeiramente envolvidos em situações *sui generis*, esdrúxulas, em que a nudez é descrita promovida por vontade própria ou não.

⁷ As hagiografias de Boaventura foram publicadas em 1263. A questão da produção das hagiografias franciscanas no quadro das disputas sobre sua memória e construção de referências para o futuro da Ordem dos Frades Menores é bastante complexa e há uma extensa bibliografia. Sugerimos a leitura da Introdução à tradução brasileira em documentação recentemente encontrada e as referências bibliográficas lá apontadas.

⁸ Em sua Legenda Menor, o mesmo ocorre. (Lm 7,3).

⁹ Sobre os retábulos franciscanos, ver Visalli (2019)

¹⁰ A passagem se identifica à nudez de Noé e a reação bem-vista do filho que virou o rosto para não vê-lo despido. (Genesis, 9:21-23)

Siglas das hagiografias:

1Cel – Vida Primeira de Tomás de Celano

2Cel – Vida Segunda de Tomás de Celano

LM – Legenda Maior de São Boaventura

Lm – Legenda Menor de São Boaventura

3Comp – Legenda dos Três Companheiros

LP – Legenda Perusina

Esp. Perf – Espelho da Perfeição

Fior - *Fioretti*